

Maria Gabriela Llansol
O AZUL IMPERFEITO
Livro de Horas V
(Pessoa em Llansol)



ASSÍRIO & ALVIM

Maria Gabriela Llansol

O AZUL
IMPERFEITO

LIVRO DE HORAS V
(PESSOA EM LLANSOL, 1976-2006)

selecção, transcrição, introdução e notas

MARIA ETELVINA SANTOS

ASSÍRIO & ALVIM

1976

18 de Dezembro de 1976¹

À noite:

Vejo avançar uma rapariga de saias compridas e de cintura estreita, a quem chamarei Florbela. Caminha por uma estrada incorruptível, ladeada de laranjeiras da altura de sicômoros. Uma luz de fundo a acompanha, a antecede na sua passagem, que deixa os que vêm às portas estupefactos. No rosto tem uma máscara, e o corpo articulado de madeira parece ser destinado ao lançamento nas chamas. Dentro de suas pupilas voam pombas que se afastam subindo para um céu com nuvens esplendorosamente brancas. É Verão, ou uma estação semelhante, desconhecida destes habitantes, mas não das pombas. Na curva do caminho está plantada uma árvore, e as pombas dentro dos olhos circulam e afastam-se do pensamento em direcção às folhas. O sicômoro cai inteiro, a queda separa-lhe o tronco dos ramos. Os

¹ Este fragmento aparece, em parte, em *Um Falcão no Punho*, p. 111 (2.ª edição, Lisboa, Relógio D'Água; a partir de agora, todas as referências a esta obra remetem para esta edição), com data de 31 de Dezembro de 1982; a mesma figura, Florbela, terá nesse livro o nome de Infausta e surgirá junto de Aossê. *Um Falcão no Punho* é o primeiro livro publicado (1985) por M.G. Llansol onde a figura de Pessoa/Aossê é significativa; praticamente metade deste primeiro Diário é-lhe dedicado. Este fragmento de 18 de Dezembro de 1976 foi já incluído, na sua totalidade, em *Uma Data em cada Mão. Livro de Horas I*, pp. 202-203; surge aqui por ser o primeiro momento correspondente à figura de Florbela/Infausta. Ver também, a seguir, o dia 9 de Fevereiro 1977, em que a mesma figura aparece ainda com outro nome, o de Mansuetude; ver ainda a gestação do nome de Infausta em Dezembro de 1982 e Janeiro de 1983.

ramos incendeiam-se, recolhem os verdes na chama, o fogo não tem fumo. Florbela aproxima-se e sobe pelo tronco como por uma escada suspensa do alto deitado;

lê infinitamente durante
dias e dias

enviando mensagens por pombos-correio. Consumido o fogo, desceu para o outro lado do caminho, eixo invisível da rotação que avançava singularmente.

A sua obra abrangia toda a espécie de trabalhos preparatórios.

1977

19 de Janeiro de 1977, quarta²

Sempre escrevendo, sempre caminhando e divagando, está alguém para entrar. Repleto de inocência, me olha sem me ver, e nem pés estão no seu caminho. Frágeis obstáculos sobem na clareza da vela, que ilumina uma voz que recita, está a seu lado com reflexão e medo. Quem está não é ser conhecido, nem homem, nem animal, nem palavra, nem planta, nem ser que se exprima. É deus mortal e desconhecido como eu, em silêncio me pede que o encontre e lhe faça companhia na espera e no medo. Mas este medo é alegre e viaja, rodeado de areia encontra o deserto, precipita-se nele e procura o meu mundo até à água. Uma toalha de espírito reúne as mil areias do deserto, e canto no azimute da vela, onde este ser repousa, sem sono nem indolência, sorrindo de amor abrupto e doce. Quem ele é me ama, e não está habituado a presença humana, se não for a de homem que cheira a besta num campo de neve e terra. Quem ele é se submete a este quarto, e trespassa o espaço na sua pequenez de pena. Não procuro decifrá-lo para que evolua em paz, aproxima-se e deixa-me sobre o abismo

² Fragmento incluído, parcialmente e com diferenças significativas, em *Um Falcão no Punho*, pp. 98-99, com data de 26 de Novembro de 1982, onde já se refere a figura de Aossê. O fragmento encontra-se, na sua totalidade, em *Uma Data em cada Mão. Livro de Horas I*, pp. 211-212; aqui retomado por ser o primeiro momento que anuncia a figura de Aossê, e também por incluir elementos que serão retomados várias vezes, no universo de *Lisboaleipzig*, associados ao falcão: a neve e a chama da vela (ver: *Um Beijo Dado Mais Tarde*, p. 91 e *Lisboaleipzig*, 2.ª edição, pp. 41, 51, 255-258).

deste abismo onde esplendem as portas intermináveis que, um ao outro, vamos abrindo. Estranho espírito, assim navegas, entre o amor e as portas fechadas. Desapareces lentamente, no rasto de meus olhos. Sem pressa me deixas, mas ficas sempre. Quase te vejo, cada vez te tornas mais desconhecido, no jardim neva, há comida para os pássaros na soleira da porta. Teus passos se afastam, te evadem da casa, que não consegues deixar, e afinal deixas. Já não és meu pai, nem meu amigo, és uma estação ausente. Meus olhos te seguem sempre, e neles brilhas, não sabia que teu afastamento era tão doce. Assim penetras em tua casa, qualquer peito de pássaro, cintilação de estrela onde te esperam. Sem o tempo entre nós, os anos irradiam uma luz sempre presente.



A casa de Jodoigne, com *Prunus Triloba*

9 de Fevereiro de 1977, quarta-feira³

Um espírito feminino quer entrar, um espírito de perseverança e mansuetude. É um espírito sorridente, soube coser como quem sorri. Deixou inúmeros bordados e rendas na biblioteca da casa. Abrindo as páginas dos livros, procurava ideias e desenhos para seus panos e experimentava, com suspiros, o sopro de suas mãos. Mansuetude é uma jovem que abre as portas sem ruído, e traz consigo o silêncio como um véu de ideário. Senta-se com vastas escritas sobre os joelhos, e sonha com a morte que a trará aqui. Fica olhando em frente, vendo a opacidade, quis encontrar-me hoje por absoluta necessidade do espírito. Sento-me ao seu lado quase chorando de tépida alegria, peço-lhe que me deixe ler suas rendas, que me empreste suas mãos onde se acolhem cães, galos, animais e plantas; entre eles, *Prunus Triloba*, limoeiro e *Forsythia*. Há dias encontrou-me num sonho, estava eu num quarto baixo e aberto a olhar uma raposa e lobo, e ao encontrar sua voz disse: — «Se eu pudesse, vós viveríeis sempre aqui sem encontrar violenta morte, nem maus tratos na hora seguinte».

A noite aproxima-se; já acendi a luz há muito. Ainda estou impregnada de Mansuetude, não leio nem Claude Manceron, nem trabalho na Quinta de Jacob. Ouço coros ortodoxos russos, penso em Olo II que trouxe ontem para as traseiras da nossa casa.

³ Fragmento incluído, em parte, em *Um Falcão no Punho*, p. 110, com data de 26 de Dezembro de 1982, onde Mansuetude aparece já com o nome de Infausta. O fragmento, na sua totalidade, está em *Uma Data em cada Mão. Livro de Horas I*, p. 220; aqui retomado por ser o primeiro momento correspondente à figura de Mansuetude/Infausta.

É um galo de tons de castanho, que esplende nas suas penas. Hoje hesitava, adaptava-se lentamente ao seu novo ambiente. Comia depois das galinhas, temia entrar na obscuridade do galinheiro. Fui várias vezes visitá-los, levar-lhes grãos e arroz cozido, restos de Jade.

12 de Fevereiro de 1977⁴

À noite,
ouvindo *Troubadours*

À volta da palavra «procura» há uma falha. O cão procura... Procurar alguém é encontrar-me... Tento rememorar, reconstituir, rememorar. Era esta amante antes de partir para Lovaina, as ideias, que não se fixavam, voavam à volta da minha cabeça. Procura... «Morrer para viver» foi a divisa da nossa família. Procura... Procurou a sombra e encontrou quem a projectava. Procurou a luz e encontrou quem a ocupava. Procura... Cerco a ideia, a frase, o motivo musical de linguagem, em vão. Procura... Estou na situação de um cão, erguendo os olhos... procuro uma mulher, uma nova figura feminina, pois agora vejo, que era ela que a metáfora continha. Esquecidas as palavras, não quero que a figura desapareça, deixe de filtrar-se no escuro. É uma figura que

⁴ Fragmento incluído, em parte, em *Um Falcão no Punho*, p. 109, com data de 25 de Dezembro de 1982; a figura nomeada como Riolanda terá o nome de Infausta. Fragmento incluído, na sua totalidade, em *Uma Data em cada Mão. Livro de Horas I*, pp. 222-223; aqui retomado por ser o primeiro momento correspondente à figura de Riolanda/Infausta.

canta diferentes massas de água, e avança sobre uma floresta de cabelos.

É noite e há Sol no lugar da Lua. Encontro o que procurava, sempre esquecida. A figura percorre seu corpo e diz que me visita sem finalidade, à beira de calar-se e de exprimir-se. Sigo seu rasto sem me mover, com a mão sobre os olhos, e os olhos sobre a boca. Procuo um nome na recordação. Todos que pronuncio derrubam sua imagem que foge para diante. Estou vestida de branco, e de lã, para purificar-me, o cordeiro depois de ressuscitar três vezes não morreu para sempre. Mas seu nome me foge, se esquiva, se eu soubesse o seu nome, o nome de Riolanda, o guardaria na última linha da voz. Quem ousa, então, para que eu o desconheça, fazer-me procurar tão longamente seu nome que é muralha, resplandecente voluta de coro?

19 de Fevereiro de 1977, sábado⁵

Como em todas as manhãs que acordo em casa para aí permanecer, há um pássaro que me transporta: uma ideia nasce, uma visão, um sentimento, depois não sou senão um outro ser que

⁵ Fragmento incluído, em parte e com diferenças significativas, em *Um Falcão no Punho*, pp. 90-91, com data de 10 de Novembro de 1982, remetendo para este dia 19/20 de Fevereiro de 1977. Naquele livro, às duas figuras referidas são atribuídos, respectivamente, os nomes de Bach e de Aossê, desaparecendo o nome de Hallâdj (substituído pelo de Bach). O fragmento foi incluído, na sua totalidade, em *Uma Data em cada Mão. Livro de Horas I*, pp. 227-230; aqui retomado por ser o primeiro momento onde as figuras de Bach e de Aossê aparecem associadas.

coincide comigo. Corporalmente me vejo escrevendo sem cessar, quer dizer, participando do eterno através da minha pulsão eterna de anotar, de receber companheiros que se levantam do nada, de escrever.

•

Hallâdj

Reparo que a capa deste livro está manchada. Na parede, por entre as flores do papel, persiste perante os meus olhos a imagem de uma figura masculina vestida de estamemha. Nada faz, não se move, no entanto avança para mim de rosto escondido, dá a impressão de ser só uma veste privada de corpo. Mas, finalmente, mostra-me o seu corpo que é *o medo*. — «Nada te separa dos outros» — diz-me. — «Eu sou de vidro e vou quebrar-me para sempre». Persiste ainda no lugar dos meus olhos. Compreendo que faz esforços para estilhaçar-se, há já um tilintar de pedaços a preceder a fragmentação e a queda.

Uma outra personagem vem então para o centro da parede, sobrepõe-se à primeira que se afasta para longe. Essa segunda personagem é só branco e imensidão, é nada, é um vazio profundo que toma a forma acerada de um poço. Mas é um poço paralelo à terra, fendido no ar, de paredes indeterminadas e de matéria desconhecida. Procuo penetrá-lo com os olhos, sei intuitivamente que é longo e solitário, um perfeito caminho desconhecido. Fico adormecida à sua beira, sem necessidade de contemplação, nem tão pouco de esperar o momento seguinte, pois há uma coincidência que se opera sem ser por intermédio do medo.

31 de Julho de 1977⁶

Uma espécie de paixão de textos portugueses, vozes, se apodera de mim para os depositar na casa de Julho e Agosto. Falar, eu e ele [Augusto], longamente sobre Portugal — língua e força da espécie, mar e montanha.

⁶ Fragmento incluído, na sua totalidade, em *Um Arco Singular. Livro de Horas II*, p. 59.

1978

4 de Janeiro de 1978, quarta⁷

Plano possível para a continuação de *Na Casa de Julho e Agosto*. O monstro de pedra de costas agarradas à costa, face ao mar — o segredo da sua comunicação impossível.

Quando Margarida recebe o livro em Antuérpia, em que todos, pela densidade de suas vidas em imagens, participaram, Plantin dispõe-se a imprimi-lo. Mas de novo vem a Inquisição e o texto conhecido parte, e o texto desconhecido fica guardado. Eu própria me interrogo sobre a *natureza do segredo*. Não se trata do seu conteúdo, mas da sua natureza.

Salazar — Tejo-rio — monstro — Camões, Fernando Pessoa, o canavial, qualquer amor...

15 de Janeiro de 1978⁸

Exprime-se em mim a necessidade de escrever sobre «o monstro», qualquer coisa de mítico e desmedido, *que rasgue*.

⁷ Fragmento incluído, na sua totalidade, em *Um Arco Singular. Livro de Horas II*, p. 126; aqui retomado por ser o primeiro momento do espólio onde se refere expressamente o poeta Fernando Pessoa.

⁸ Fragmento incluído, na sua totalidade, em *Um Arco Singular. Livro de Horas II*, p. 132.

Introdução

<i>As Horas de Llansol (V)</i>	9
--------------------------------------	---

O AZUL IMPERFEITO

1976.....	29
1977.....	31
1978.....	38
1979.....	49
1980.....	52
1981.....	55
1982.....	56
1983.....	97
1984.....	286
1985.....	320
1986.....	331
1987.....	438
1988.....	569
1989.....	592
1990.....	600
1991.....	615
1992.....	637
1993.....	657
1994.....	663
1995.....	690
1996.....	697

1997.....	702
1998.....	706
1999.....	709
2000.....	711
2001.....	713
2002.....	715
2003.....	717
2004.....	719
2005.....	720
2006.....	724

Maria Gabriela Llansol

O AZUL IMPERFEITO – Livro de Horas V
(Pessoa em Llansol, 1976-2006)

selecção, transcrição, introdução e notas de

MARIA ETELVINA SANTOS

Está já feito o que fiz. O por fazer não me ilude. E, pensando em Pessoa obrigatoriamente sentado no Chiado, principio a libertar-lhe os livros, e subo com um poema para o telhado. Não o leio. Leio antes que um dedal de prata, ou porcelana, ou de simples metal não precioso, é fundamental para proteger o dedo. Mesmo se eu não coso. O que afirmo tem um reverso de oxigénio que se traduz em beleza calma nesta rua. E a perspectiva de Pessoa sentado no Chiado aqui é outra, uma estampa de azul que me cobre os joelhos. Não tenho ideias, nem imagens. O azul em livro, simplesmente.

Maria Gabriela Llansol

ASSÍRIO
& ALVIM

ISBN 978-972-37-1850-8



9 789723 718508
79425.10

